

José Manuel Pureza: “Precisamos de uma ciência da paz”

Entrevista Professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com a especialidade de História e Teoria das Relações Internacionais, José Manuel Pureza foi deputado pelo Bloco de Esquerda à Assembleia da República na XI, XIII e XIV legislaturas, tendo assumido a vice-presidência do parlamento. Esta quarta-feira, 8 de junho, pelas 18h30, estará no Exploratório, no ciclo de conversas com cientistas “Pontos nos iii”, onde irá responder a uma pergunta fundamental: E se estudássemos mais a paz?

Ao longo da sua carreira, a que áreas de investigação se tem dedicado?

Estudo e escrevo sobre Direito Internacional há 40 anos. Sempre o vi como um ingrediente das relações internacionais e essa perspetiva não formalista fez com que me aproximasse de escolas de pensamento comprometidas com a transformação das sociedades capaz de criar condições de paz densa. Nesse sentido, tenho investigado na área dos Estudos para a Paz, como proposta teórica que analisa as violências de todas as escalas e identifica as correspondentes alternativas de paz.

Que projeto se encontra a desenvolver neste momento?

Após seis anos de serviço noutra contexto [deputado à Assembleia da República pelo Bloco de Esquerda], estou a regressar à vida académica e tenho dois projetos em mãos. Um sobre a evolução da ação humanitária e os debates que ela suscitou. Outro sobre a forma de conceber a paz pelas várias leituras teóricas das relações internacionais. Em am-

bos os projetos, associo-me a colegas com quem gosto muito de pensar e que dão à nossa universidade uma qualidade formidável.

Quais os objetivos desses projetos?

O primeiro procura analisar as grandes transformações sofridas pela ação humanitária no século 20 e nas décadas mais recentes e o debate entre os adeptos de uma conceção limitada ao socorro de vítimas e os que sugerem uma intervenção mais ambiciosa, que mude políticas e formas de organização das sociedades para prevenir conflitos. O segundo tem uma índole didática e nele queremos identificar o modo específico como cada perspetiva teórica sobre as relações internacionais (do realismo ao liberalismo, do construtivismo ao marxismo, do feminismo ao pós-colonialismo) fala sobre a paz.

Qual o impacto ou a aplicação mais prática que a investigação que desenvolve neste momento pode ter para a sociedade?

O impacto que queremos provocar é o que sempre nos guia:



José Manuel Pureza, professor catedrático da FEUC

ajudar as pessoas a pensar, a serem exigentes consigo mesmas ao lidarem com os discursos sobre a realidade internacional e a serem críticas da torrente de informação que as condiciona. Neste tempo de

Precisamos de uma ciência que forneça os instrumentos para uma superação das violências e para uma paz positiva

PERFIL

Investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, onde coordenou o Núcleo de Estudos para a Paz, José Manuel Pureza tem sido docente convidado em diversas universidades estrangeiras, como a Universidad Torcuato di Tella (Buenos Aires), Pablo de Olavide (Sevilha), PUC de São Paulo e PUC do Rio de Janeiro ou Universidad del País Vasco. As suas prioridades na investigação incluem os Estudos para a Paz, designadamente as construções teóricas da paz e os estudos críticos sobre segurança, os direitos humanos e o direito internacional, tendo publicado nestas áreas. É membro associado do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional. ◀

tão grande condicionamento das opiniões pela polarização que as guerras sempre provocam e de tão grande superficialidade emocional que as redes sociais cultivam, a universidade tem o dever de ir contra a corrente e oferecer à sociedade conhecimento que indispunha as pessoas para tantos rolos compressores da nossa inteligência.

Na quarta-feira, 8 de junho, participará no ciclo de conversas com cientistas “Pontos nos iii”, promovido pelo Exploratório, com o tema “E se estudássemos mais a paz?” O que é que o público pode esperar desta sessão?

Procurarei argumentar a favor de um conhecimento que encare as guerras sem angelismos, mas que sirva não só para as explicar, mas para as mudar em dinâmicas de paz. Precisamos de uma ciência da paz que assuma as violências, que permita conhecer com rigor os seus mecanismos de alimentação, mas que forneça os instrumentos para uma superação das violências e para uma paz positiva. Esse é um desafio crucial para o nosso tempo. ◀